



## **Compartilhar 25**

### **Reflexões sobre Santidade e Sexualidade**

**Revmo<sup>o</sup> Njongonkulu Ndungane,  
Arcebispo da Cidade do Cabo, África do Sul**

#### **Da mesma série (já distribuídos):**

**Compartilhar 1** – “Duas Utopias” (Richard Rorty)

**Compartilhar 2** – “Visões Protestantes sobre a Escravidão” (Elisete da Silva)

**Compartilhar 3** – “Identidade e Missão – perspectiva anglicana” (Rev. Carlos Eduardo Calvani)

**Compartilhar 4** – “Os começos do Anglicanismo” (Dom Sumio Takatsu)

**Compartilhar 5** – “Maria na Tradição Anglicana” (Rev. Jorge Aquino)

**Compartilhar 6** – “Pezinho pra frente, pezinho pra trás – reflexões de um anglicano sobre ecumenismo” (Rev. Carlos Eduardo Calvani)

**Compartilhar 7** – “Todas as coisas necessárias para a salvação” (Frederick H. Borsch)

**Compartilhar 8** – “Igrejas e homossexualidade – ensaio de um balanço” (Gottfried Brakemeir)

**Compartilhar 9** – “Leão XIII e as ordens anglicanas” (Prof. Magno Vilela)

**Compartilhar 10** – “Abertura dos arquivos do Vaticano e procedimentos do ARCIC sobre *Apostolicae Curae*” (William Franklin)

**Compartilhar 11** – As primeiras Conferências de Lambeth (Dom Sumio Takatsu)

**Compartilhar 12** – Resenha do livro de John Hick, “A metáfora do Deus encarnado” (Rev. Carlos Eduardo Calvani)

**Compartilhar 13** – Uma eclesiologia Anglicana (Dom Sumio Takatsu)

**Compartilhar 14** – Resumo das Conferências de Lambeth de 1978 e 1988 (Trad. e resumo (Rev. Francisco de Assis da Silva)

**Compartilhar 15** – Preocupações Dogmáticas e Pastorais – Relatório da Conferência de Lambeth de 1988 (Tradução: Dom Sumio Takatsu)

**Compartilhar 16** – O futuro da Teologia Anglicana – em diálogo com John Spong (Reginald Fuller)

**Compartilhar 17** – Pronunciamento do Revmo. Dr. Barry Morgan ao Sínodo da Igreja em Gales

**Compartilhar 18** – Escrituras na visão anglicana (Reginald Fuller)



- Compartilhar 19** - A necessária Catolicidade para um mundo globalizado - Reflexões sobre a Colegialidade Episcopal na Igreja Católica Romana (Frei Marcelo Barros)
- Compartilhar 20** - A história de Israel na pesquisa atual (Aírton José da Silva)
- Compartilhar 21** - O bispo Robinson entre a modernidade e a pós-modernidade (Rev. Jaci Maraschin)
- Compartilhar 22** - O Anglicanismo da Inglaterra para os Estados Unidos (Dom Sumio Takatsu)
- Compartilhar 23** - "Deixe que o leitor entenda" (Grupo de estudos de hermenêutica da Diocese de Nova York)
- Compartilhar 24** - Os desafios da Inclusividade (Jorge Aquino)

Caso não tenha recebido os textos anteriores, entre em contato com o Coordenador do CEA.

## Reflexões sobre Santidade e Sexualidade

**Revmo<sup>o</sup> Njongonkulu Ndungane,  
Arcebispo da Cidade do Cabo, África do Sul  
em Porto, Portugal, em 25 de março 2000**

O título desta palestra é "Santidade e Sexualidade". Muitos, especialmente aqueles educados na tradição filosófica grega, que incluiria a maioria dos presentes aqui hoje, provavelmente sugeririam que o título deveria ter sido modificado para "Santidade ou Sexualidade". Muitos sugeririam que santidade e sexualidade são mutuamente exclusivos. E isso é o início do problema que nós na igreja estamos enfrentando hoje. Durante quase toda a história da igreja, santidade tem sido associada a um escape do corpo, ou pelo menos a subjugação do corpo. Esta é uma conclusão extraordinária dada a nossa doutrina central de encarnação. Proclamamos que Deus é carne humana. Os cristãos dizem que a especial revelação de Deus está no ser humano Jesus. Cristãos vão ainda mais além para afirmar que Deus também é revelado em toda a criação - em outras palavras, no mundo material, nos corpos de outros, e nós mesmos e a chamada ordem natural.

Apesar desta doutrina central de encarnação, a igreja tem tentado sugerir que podemos ser não-sexuais. Não podemos ser não-sexuais. Somos seres sexuais em função dos nossos corpos de carne (e osso). Relacionamo-nos conosco mesmos, com Deus e com os outros por meio do corpo - isto é, sexualmente. Não estou sugerindo que cada interação e relacionamento envolve sexo genital. Mas todo relacionamento é sexual.



Em segundo lugar, a igreja tem colocado uma visão de santidade que, longe de ser compreendida como inteireza e integração, tem sido definida de maneira dualista e fragmentária. Esta maneira de pensar sugere que Deus detesta o corpo e exige que escapemos dele para bem nos relacionarmos com Deus. Se formos viver vidas do espírito, vamos ter que evitar (afastar-nos) do corpo. Este entendimento (ou melhor, "falta de entendimento") tem resultado em algumas das mais constrangedoras conseqüências. Tem levado, por exemplo, à definição da mulher como mais sensual e, portanto menos santa que o homem, justificando assim o sistema patriarcal. Tem levado à idéia que a raça negra é mais sensual e menos santa que os brancos - noção que por sua vez tem sido usada para justificar a opressão colonial. Tem levado à sugestão de que clérigos e religiosos celibatários são mais santos do que as pessoas que expressam seu amor sexualmente. Levou à condenação de pessoas homossexuais como irreligiosos.

Também levou à lamentável idéia que a nossa sexualidade fica tão longe de Deus que a expressão sexual deve ser escondida. Soube de um jovem seminarista que, com toda sinceridade, perguntou se, após a ordenação, ele deveria deixar de ter relações sexuais na noite de sábado se ele fosse presidir na Eucaristia no domingo de manhã.

Psicólogos, como também teólogos, estão nos ajudando a compreender que se não recuperarmos uma noção mais integrada e santa de sexualidade, certamente iremos perpetuar as injustiças, a fragmentação e as desordens psicológicas de que a igreja tem sido tão vergonhosamente a causa, em tempos passados. Mas o que devemos fazer para conseguir isto?

Em primeiro lugar temos, obviamente, que permitir que nós mesmos, como líderes da igreja, passemos por uma mudança de paradigma na nossa abordagem da sexualidade. A igreja tem usado a sexualidade - uma maravilhosa dádiva de Deus e uma afirmação de nossa humanidade - como motivo para vergonha, controle e marginalização. Nossa gente tem sido ensinada a temer e ridicularizar sua sexualidade ao invés de descobrir Deus dentro de seus próprios corpos e dos corpos dos outros. Também fomos ensinados que santidade quer dizer negar os nossos corpos. Precisamos reverter esta atitude aprendendo a celebrar e afirmar o corpo. Para alguns de nós, isto em si exigiria uma reflexão radical de nossa própria sexualidade. Mais do que isso, exigiria um confronto e uma convivência com nós mesmos como seres sexuais.

Em segundo lugar, precisamos estender a mão a todas as pessoas, mas especialmente àquelas que a nossa igreja tem prejudicado e envergonhado, os condenando pela sua existência. Falo aqui especialmente de mulheres, pessoas homossexuais, e as pessoas física e mentalmente desafiadas.

Em terceiro lugar, precisamos procurar meios de incorporar sexualidade holística e santa no dia a dia de nossas vidas - da maneira que celebramos a Eucaristia até a



maneira em que interpretamos a Bíblia. Deveríamos nos livrar da prolixidade das liturgias que empregamos e permitir que símbolos materiais falem no lugar das palavras. Poderia ser introduzidos o reconhecimento litúrgico do corpo - como a celebração do início da puberdade, ou ritual de luto para doença ou ferimentos físicos.

Nesta mudança que estou pleiteando, creio que a África tem algo a nos oferecer. A igreja na África não é, entretanto, o nosso ponto de partida. A igreja na África tem adquirido um entendimento totalmente fora do padrão africano de compreensão do corpo; uma que é muito grega e muito ocidental. A espiritualidade africana, entretanto, não é dualista. Na África, talvez em razão da clara e sofrida experiência dos nossos corpos, sabemos muito bem que o corpo está intimamente ligado à nossa espiritualidade. O castigo de AIDS, a devastação de guerra, as conseqüências dolorosas de fome na Etiópia, e as recentes enchentes em Moçambique nos lembram que nenhum grau de santidade e integridade é remotamente possível sem ocupar-nos com as necessidades físicas imediatas e o sofrimento do corpo.

Se fossemos aprender do desafio de África, e permitir a nós mesmos a integração de sexualidade e santidade ao invés de os separar, a igreja se tornaria um poderoso agente de cura, ao invés de um agente de dor. Pararíamos de tentar gerar culpabilidade e ao invés disto ofereceríamos uma visão de inteireza.

Nosso Deus Trinitário nos ensina que as questões de santidade e sexualidade são questões de relacionamento. Deus é relacional. Não alcançamos santidade escapando de nós mesmos, de nossos corpos, de outras pessoas ou da terra. Certamente não podemos estar inteiros, ou santos, sem estar dentro de um relacionamento - relacionamento com Deus, com nós mesmos e outros (inclusive no mundo não humano). A maneira como nós nos relacionamos é dentro e por meio de nossos corpos. Eu não sou algo separado do meu corpo. Eu sou meu corpo. Portanto meu relacionamento é sexual e se expressa na minha ligação corpórea com outros.

Para retornar ao nosso tema: sexualidade e santidade. A questão não é se santidade e sexualidade tem relação um com o outro. Isto é uma não questão. A pergunta é: Como eu me relaciono? Eu me relaciono de um modo dominante ou violento? Meu relacionamento se dá através de maneiras que negam ou diminuem a mim mesmo ou o outro? Ou me relaciono de maneira que traz vida melhor e inteireza? Quando meu relacionamento promove vida, então eu sou santo.